

## CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DO DISCURSO: REFLEXÕES FOUCAULTIANAS

Rosália Maria Netto PRADOS

Luci Mendes de Mello BONINI

*Universidade de Mogi das Cruzes - UMC*

**Resumo:** Este estudo trata de uma discussão sobre discursos e constituição do sujeito. Fundamenta-se em estudos contemporâneos de comunicação e do discurso. Este artigo tem o objetivo de apresentar as contribuições de Michel Foucault para o estudo dos processos discursivos da comunicação contemporânea e analisar a constituição do sujeito nos discursos. Os fundamentos da teoria de Foucault são relevantes para o estudo dos processos discursivos das instituições sociais e da constituição dos sujeitos nos textos contemporâneos. Descreve-se, portanto, a metodologia de Foucault, para se refletir sobre a constituição do sujeito na comunicação, e são apresentadas as bases da Semiótica dos discursos e estratégias da enunciação discursiva.

**Palavras-chave:** Discurso. Michel Foucault. Sujeito; Semiótica.

## THE CONSTITUTION OF THE DISCOURSE SUBJECT: FOUCAULTIAN REFLECTIONS

**Abstract:** This study is about speeches and the constitution of the subject. It is based on contemporary studies of communication and speech. This article aims to present the contributions of Michel Foucault to the studies of discursive processes of contemporary communication and analyze the constitution of the subject in speeches. The foundations of Foucault's theory are relevant to the study of discursive processes of social institutions and the constitution of the subject in contemporary texts. It is described, therefore, Foucault's methodology, to reflect on the constitution of the individual-subject in communication, and presents the foundations of semiotics of the discourse and strategies of discursive enunciation.

**Keywords:** Speech. Michel Foucault. Individual-Subject. Semiotics.

## CONSTITUCIÓN DEL SUJETO EN DISCURSO: REFLEXIONES ACERCA FOUCAULT

**Resumen:** Este estudio es un análisis de los discursos y la constitución del sujeto. Se basa en los estudios contemporáneos de la comunicación y el lenguaje. Este artículo tiene como objetivo presentar los aportes de Michel Foucault para estudiar los procesos discursivos de la comunicación contemporánea y analizar la constitución del sujeto en los discursos. Los fundamentos de la teoría de Foucault son relevantes para el estudio de los procesos discursivos de las instituciones sociales y la constitución del sujeto en los textos contemporáneos. Se describe, por lo tanto, la metodología de Foucault, para reflexionar sobre la constitución del sujeto en la comunicación, y se presentan los fundamentos de la semiótica del discurso y las estrategias de enunciación discursiva.

**Palabras clave:** Discurso. Michel Foucault. Sujeto. Semiótica.

### INTRODUÇÃO

Nesta discussão são relevantes as considerações de Michel Foucault sobre a produção discursiva e constituição do sujeito do discurso. Diante de questões sociais emergentes, na contemporaneidade, tais como o exercício efetivo da cidadania, as relações de dominação, discussões sobre o meio-ambiente, discursos políticos, publicitários, dentre outros, em que se caracterizam os sutis, mas poderosos mecanismos de sujeição, justifica-se a importância de se considerarem os conceitos teóricos de Michel Foucault sobre a subjetividade.

Propõe-se uma descrição de sua metodologia sobre a análise de aspectos do “olhar” na constituição do saber e do poder e a relação com os processos de assujeitamento e regras da produção discursiva, como formas de poder. Para o conhecimento sobre processos discursivos das instituições sociais e a constituição dos sujeitos, esses fundamentos da filosofia foucaultiana são relevantes, já que na análise do discurso se considera o estudo da subjetividade discursiva, ou seja, do sujeito construído no discurso.

Além de fundamentos teóricos sobre Michel Foucault para essa reflexão, apresenta-se a Semiótica do discurso que, segundo Bertrand (2003), é de linha francesa, apresentada como modelo de análise da significação, além da palavra, além da frase, na dimensão do discurso, tendo suas raízes na teoria da linguagem, e suas estruturas e concepções da língua como instituição social.

O discurso, portanto, visto como capacidade humana de comunicação e como processo de construção do saber social, é o campo da Semiótica científica, segundo seu protagonista Algirdas Julien Greimas (2001), que tem por base o estudo da linguagem.

Assim, o discurso é um processo de produção de sentidos e o sujeito, em suas práticas sociais, é parte de uma engrenagem: a da produtividade discursiva. Para se entender essa noção, segundo Fontanille (2008), parte-se do princípio de que o discurso contém em si, formas cristalizadas ou convencionais que estão longe de serem unicamente signos e uma de suas propriedades mais interessantes é a capacidade em esquematizar globalmente representações e experiências humanas.

Desta maneira, o discurso é considerado como resultado de uma expressão humana que produz sentidos, representações e experiências. As ideias de Fontanille têm base nessa linha teórica francesa de análise de discurso. Este, portanto, refere-se à Semiótica, segundo Greimas (2001), em que se analisa o percurso do sentido que subjaz ao texto.

Em sua metodologia de análise, a Semiótica de que se trata nesta discussão não estuda apenas o signo, mas a significação, que pode ser entendida como uma relação de dependência entre o plano do conteúdo, de significados e sentido de um signo, e o plano da expressão, significantes e parte material do signo. A Sociossemiótica, especificidade da Semiótica, trata da significação, entendida como processos de significação, que se armazenam na memória, recuperam-se e se transformam permanentemente. Esses processos podem ser vistos como percursos que geram o sentido, ou seja, aqueles em que se dá a atualização de elementos disponíveis no discurso e em que se constrói o sujeito. Nesse sentido, são pertinentes as contribuições de Foucault nesta reflexão sobre o discurso e a constituição do sujeito.

## **1. DISCURSOS NA CONTEMPORANEIDADE, CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT**

Nas situações de comunicação, na contemporaneidade brasileira, são produzidos vários discursos sobre cidadania, igualdade de direitos, justiça social, democracia, vontade política, dentre outros, que fazem parte de uma rede de significações construída pelos sujeitos e que os constitui.

Numa discussão sobre as práticas socioculturais, em que o homem é reprodutor de uma percepção já construída, portanto seu conhecimento já é culturalmente filtrado, cabe uma análise das respectivas práticas discursivas, segundo a metodologia sociosemiótica, que possibilita um estudo das etapas discursivas nos processos de produção do sentido nos discursos gerados nas práticas sociais, por grupos sociais, em que se caracterizam enunciador e enunciatário coletivos, como nos discursos político, pedagógico, jornalístico, publicitário, científico, entre outros.

Landowsky (1992), ao se referir à ciência política, esclarece que o texto é um material familiar aos pesquisadores das Ciências Sociais, mas o discurso pode ser analisado como objeto do conhecimento que se encontra numa problemática das relações e estratégias de poder. O discurso, de acordo com Pais (2007), é decorrente de outros discursos e a produção de um novo discurso só ocorre quando são utilizados signos e leis combinatórias que pertencem aos demais membros de um determinado grupo, uma vez será inteligível aos outros apenas quando traduzida em termos do consenso de tal grupo.

Inicialmente, apresenta-se uma discussão sobre a construção do sujeito na filosofia, para uma reflexão sobre constituição do sujeito do discurso e a metodologia de Foucault, com base na descrição de sua obra.

São evidentes, na obra de Foucault, as críticas ao lugar do *Sujeito* na filosofia moderna sobre a ciência: uma representação de sujeito que surgiu a partir de uma representação de sua origem e olhar. Segundo Rabinow & Dreyfus (1995, p.121), Foucault, além de apresentar uma história de problematizações a partir das quais se constituem as práticas sociais, está interessado em como a objetividade científica e as intenções subjetivas emergem, juntas, num espaço estabelecido não por indivíduos, mas por tais práticas sociais. Nesse aspecto, já se evidencia a crítica sobre a objetividade nas discussões científicas.

Quanto à produção dos discursos e práticas sociais, segundo Alvarez (1999, p.74), Foucault enfatiza que a produção do discurso na sociedade moderna é indissociável de uma série de procedimentos de controle, de seleção, de organização e de redistribuição dos enunciados e dos sujeitos, procedimentos estes voltados para afastar os poderes e os perigos

do discurso, para dominar seu aparecimento aleatório, para esquivar sua própria materialidade. “O discurso não remete assim, exclusivamente, à ordem das leis, mas sobretudo ao campo das lutas” (ALVAREZ, 1999, p. 74).

A obra de Foucault na Filosofia moderna pode ser apreendida em três campos: análise dos sistemas de conhecimento, em que aparecem as teses estruturalistas e críticas ao estruturalismo; modalidades de poder, em que faz uma análise do poder no que diz respeito aos processos de assujeitamento ou à constituição de sujeitos assujeitados; e as relações de si para consigo, em que se busca uma história das relações éticas na correlação entre saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade dentro de uma cultura (PRADOS, 2010).

## 2. SUJEITO DO DISCURSO: METODOLOGIA DE MICHEL FOUCAULT

De acordo com a metodologia foucaultiana de análise da subjetividade, caracterizam-se: a Arqueologia, a Genealogia e a Hermenêutica de si. Na Arqueologia e na Genealogia, ele trata da construção da objetivação do sujeito, enquanto na Ética, Foucault analisa a construção da subjetivação dos sujeitos (ALVAREZ,1999).

Por meio de domínios de análise distintos, Foucault demonstra as complexas implicações entre poder, saber e verdade, uma vez que as verdades são construídas num solo comum: entre o poder e o saber. Em se tratando de processos de assujeitamento, nos quais o olhar adquire força de manipulação, analisa-se primeiramente, a questão do olhar na *arqueologia* e na *genealogia*, e também, a marca do “antiocularcentrismo” em sua obra (JAY, 1988).

Segundo essa sua metodologia, a arqueologia procura estabelecer a constituição dos saberes de acordo com as inter-relações discursivas e sua articulação com as instituições, isto é, de que modo esses saberes aparecem e se transformam. A problematização da entrada do sujeito como objeto do discurso, portanto, é seu grande projeto arqueológico. Em *O Nascimento da Clínica*, de 1963, Foucault evidencia a questão do olhar na constituição do saber; articula os saberes com o extra-discursivo, guiado pelo problema dos tipos de intervenção das várias formas de medicina, seja em instituições como o hospital, a família, a escola, seja em um

nível mais global, as transformações político-sociais, sobretudo na época da Revolução Francesa (MACHADO, 1998).

Foucault, em *O Nascimento da Clínica*, estabelece e caracteriza a ruptura entre a medicina clássica e a medicina moderna evidenciando que é a positividade do saber com seus objetos, conceitos e métodos diferentes que assinalam essa mudança e não o refinamento de noções rigorosamente definidas, nem a utilização de instrumentos mais poderosos que tornaram possível conhecer algo até então desconhecido. E foi a arqueologia do “olhar médico” fundamental para o “saber médico” (PRADOS, 2010).

A análise arqueológica procurou, justamente, explicitar os princípios da organização da medicina em épocas diferentes, evidenciando que, se a medicina moderna se opõe à medicina clássica, a razão é que esta se funda na história natural enquanto aquela, mais explicitamente, a anátomo-clínica, encontra seus princípios na biologia. O determinante é o olhar científico, o apropriar-se do discurso da Biologia.

O olhar médico, então, é deslocado da superfície, do lugar onde se associava doença e sintoma, e penetra no corpo, nos órgãos, nos tecidos até atingir as células. Hoje, o olhar médico, guiado pelas pesquisas da genética, está sobre os genes. Assim o “olhar” e o “dizer” determinam o desenvolvimento da medicina que se deu a partir de mudanças no campo do discurso, em que a reorganização do saber médico está relacionada à reorganização do campo de visão e da linguagem (PRADOS, 2010).

Em *As Palavras e as Coisas*, obra publicada em 1966, revela os mesmos instrumentos metodológicos, pois aprofunda e generaliza inter-relações conceituais capazes de situar os saberes constitutivos das ciências humanas, sem pretender articular as formações discursivas com as práticas sociais. Nesse texto, Foucault analisa profundamente o discurso (*epistème* moderna) e há uma maior complexidade na análise do olhar, pois se detém na linguagem, sistema de signos, como espaço de construção de saberes. E a partir da publicação desse livro, é visto como “anti-humanista”, pois é evidente a hostilidade à primazia da visão iluminista (JAY, 1988, p. 205).

A análise arqueológica, em *As palavras e as Coisas*, consiste em descrever a constituição das ciências humanas a partir de uma inter-relação de saberes, do estabelecimento de uma rede conceitual que lhes cria o espaço de existência, deixando de lado, propositadamente, as relações entre os saberes e as estruturas econômicas e políticas. Enfatiza a tematização do homem como objeto e como sujeito de conhecimento; isto é, o estudo do homem como representação segundo as ciências empíricas e filosóficas a partir do século XVIII (MACHADO, 1998).

Segundo essa visão, Foucault (1995) apresenta as considerações sobre o signo, que tanto pode ser objeto de estudo da hermenêutica, conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem fazer falar os signos e descobrir seu sentido, como da semiologia, conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem distinguir onde estão os signos, definir o que os institui como signos, conhecer seus liames e as leis de seu encadeamento. “Buscar o sentido é trazer à luz o que se assemelha. Buscar a lei dos signos é descobrir as coisas que são semelhantes” (FOUCAULT, 1995, p. 45).

E a partir dessas considerações, introduz uma complexa e profunda discussão sobre o espaço em que se forma o discurso. A partir disso, apresenta a mudança ocorrida no discurso no início da época clássica, ou seja, no século XVI, caracterizado como o período em que se deu a ruptura na suposta unidade entre palavra e imagem. Até então, o signo era visto como parte do significado e, uma implicação da ruptura dessa unidade, é a crescente consciência da natureza binária do signo. E, assim, a partir de então há uma crescente importância do discurso.

Para Foucault (1995), a linguagem é uma ferramenta humana arbitrária, entendida como um meio neutro de comunicação. Portanto a linguagem científica se esforça por converter-se tanto quanto seja possível num registro transparente do “olhar observador”, porém, sob um ponto de vista, ou melhor, numa ordem histórica e ‘visível’. É essa ordem, histórica e espacialmente determinada, que permite a constituição dos saberes empíricos e das teorias científicas e interpretações dos filósofos, através do crivo de um “olhar”, de uma linguagem.

A visão podia ajudar a constituição de uma *episteme* (saber sobre o mundo) sem implicar a presença de um soberano ausente ou o humanista, cujo olhar totalizava o campo discursivo. De maneira sutil, a *episteme* pós-clássica humanista, como a descreve Foucault, segue sendo refém da primazia da visão (JAY, 1988, p. 209).

São relevantes as considerações sobre política e relações de poder em *Vigiar e Punir*, obra publicada em 1975, fruto da sua metodologia genealógica. Foucault concentra as forças e relações de poder associadas com as práticas discursivas; é a abrangência do modo de olhar sobre o corpo que adquire a força de dominação que se estende além dos limites de um soberano ou um Estado.

Segundo Prados (2010), para se entender melhor a questão do olhar, em *Vigiar e Punir*, é necessário refletir-se sobre essa metodologia genealógica, que pretende explicar o aparecimento dos saberes a partir de condições de possibilidade externas aos próprios saberes, ou melhor, imanentes a eles, pois, estão situados como elementos de um dispositivo de natureza puramente estratégica. Essa análise dos saberes pretende explicar o porquê de sua existência e suas transformações situando esse porquê como peça de relações de poder, ou ainda, incluindo-o em um dispositivo político.

A questão do olhar que assujeita é abordada por Foucault de muitas maneiras. Em *Vigiar e Punir*, Foucault introduziu a análise histórica da questão do poder como instrumento de análise capaz de explicar a produção de saberes. Apresenta, então, elementos importantes no processo de sujeição: a extensão do olhar e a implicação: poder, saber e verdade. Estudando a formação histórica das sociedades capitalistas, através de minuciosas pesquisas sobre o nascimento da instituição carcerária, Foucault viu que aparecem formas de exercício do poder diferentes das do Estado, a este articuladas e de maneiras variadas, que são indispensáveis, inclusive à sua sustentação e atuação eficaz.

Foi possível também, por meio dessa análise de Foucault, distinguir as transformações do sistema estatal, as mudanças de regime político no nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de



dominação. Este poder intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos: o seu corpo. Poder este que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando no quotidiano, podendo ser caracterizado, assim, como micro-poder ou sub-poder. Em uma declaração à *Magazine Littéraire*, diz:

quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício **no** corpo social, e não **sobre** o corpo social. (FOUCAULT, 1998, p. 131) (grifo nosso)

Essa questão da “mecânica do poder”, instituindo a sujeição, vem a ser explicitada e localizada no *Panopticon*, onde a extensão do olhar toma corpo de um instrumento que penetra no comportamento do indivíduo através de todos os desdobramentos que se seguem a ele: vigilância, controle, registros. Quando questionado sobre sua descoberta do *Panopticon*, modelo de prisão de Bentham, que se evidencia como a versão mais explícita da nova tecnologia ocular do poder, Foucault disse que fez um estudo sobre a arquitetura hospitalar, na segunda metade do século XVIII, ao interessar-se pela institucionalização do “olhar médico”. Estudou como esse olhar se havia inscrito no espaço social e como essa nova forma hospitalar era, ao mesmo tempo, o efeito e o suporte de um novo tipo de olhar (FOUCAULT, 1998).

Percebeu que a visibilidade total dos corpos dos indivíduos e das coisas para um olhar centralizado havia sido sempre um dos princípios diretores mais constantes. No caso dos hospitais, este problema apresentava dificuldades, pois havia sempre o perigo de contágios, ventilação e a necessidade de assegurar uma vigilância que fosse, ao mesmo tempo, global e individual. Isso fez com que se acreditasse serem problemas específicos da medicina da época e suas crenças. Porém, em seguida, quando estudou os problemas da penalidade se deu conta de que todos os grandes projetos de reorganização das prisões retomavam o mesmo modelo, já sob a influência do *Panopticon*. Assim, Foucault o descreve:

O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada um ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra dando para

o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia (FOUCAULT, 1998, p. 210).

Este olhar invisível sobre o corpo, procedimento que permitiu eficaz e fácil exercício de poder, foi o efeito mais importante concretizado pelo *Panopticon*, pois a exposição do detento à permanente visibilidade e, ao mesmo tempo, a anônimos olhares, automatiza e desindividualiza o poder (PRADOS, 2010).

Em *A História da Sexualidade*, Foucault identificará o confessional como o lugar onde, também, ocorre o ritual do poder e de tais rituais advém o nascimento de regras e obrigações, que depois são inscritas em lei civil e códigos morais. Na descrição que Foucault fez do *Panopticon*, suas últimas palavras foram:

inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, **no fundo, protegia** (FOUCAULT, 1998). (grifo nosso)

Evidencia-se aqui o aspecto iluminação, ou “ocularcentrismo”, criticado por Foucault. Reitera essa questão quando se refere à sujeição dos indivíduos ao acender das luzes que, no século XVIII, foi caracterizado pela dicotomia: medo de trevas / luzes. O homem do século das luzes quis ver desaparecer a escuridão, o século do Iluminismo que antecedeu o século das discussões sobre a objetividade da ciência. Esse caráter “ocularcêntrico” se reafirmou pela ênfase nas ideias claras e definidas na filosofia cartesiana, projeto iluminista dos filósofos e fica evidente a força dessa influência nas ciências e na filosofia, principalmente, na cultura francesa como se vê até pela metáfora: Paris, *cidade Luz*.

Michel de Certeau (JAY, 1988) aponta que na obra de Foucault pode-se discernir uma tensão entre suas críticas substantivas ao poder do olhar e o seu próprio estilo ótico que se apoiava na perplexidade visual para subverter esse poder. Foucault absorveu as críticas de

pensadores franceses que questionaram o “ocularcentrismo”, os fenomenólogos (JAY, 1988, p. 197).

Segundo Jay (1988), a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, a psicanálise existencial de Ludwig Binswanger e a antologia fenomenológica de Heidegger descartam o tradicional privilégio cartesiano de um “sujeito separado e contemplativo”, portanto interessam a Foucault. Por outro lado, no entanto, não pregou a ontologia de uma visão que substituísse a desacreditada epistemologia derivada de Descartes. “Ao contrário, para sondar mais profundamente o lado obscuro da primazia da visão, somou ideias de Nietzsche a outras de Sartre e Bataille, que se evidenciam como manifestações do discurso “antivisual” (JAY, 1988, p. 198).

Foucault alertou para os perigos do ocularcentrismo, por sua inserção num discurso maior que nunca problematizou: o olhar que tem o poder de trazer à luz, domina e, assim, está na rede de dominação (é dominante e dominado). A fonte de seu impulso crítico não defendido, porém profundamente sentido. Segundo JAY (1988), ainda que nos seus últimos anos tenha refletido sobre o impulso crítico de sua obra, nunca desenvolveu uma explicação plenamente satisfatória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretendeu, nesta pesquisa, analisar-se o discurso semioticamente, nem apresentar a metodologia semiótica das etapas discursivas, a estrutura narrativa, percursos dos sujeitos, programas narrativos, figuratividade, relações interdiscursivas espaço-temporais, ou semântica profunda, mas apenas focalizar as contribuições de Foucault para uma reflexão sobre a constituição da subjetividade discursiva na Sociossemiótica. Para isso, na descrição de sua metodologia, apontou-se a constituição do sujeito do discurso, segundo Foucault pelo olhar que assujeita e, assim, entender a subjetividade discursiva.

Quanto ao que Foucault designa como olhar, é possível analisar-se mais profundamente questões, como “redes de poder”, “relações de dominação”, “vontade política”, “políticas científicas”, valores presentes nos discursos, que podem ser descritos pela análise sociossemiótica, segundo a metodologia de análise das estruturas do discurso, ou percurso

gerativo do sentido e que explicam a constituição do sujeito e a importância da linguagem, como espaço desse assujeitamento. Para Foucault, a linguagem é uma ferramenta humana arbitrária e ele focaliza a constituição do sujeito na ciência, que era entendida como um meio neutro de comunicação e, nesse aspecto, centraliza sua crítica. Para ele, a linguagem científica se esforça por converter-se, tanto quanto possível, num registro transparente do olhar observador, sob um ponto de vista, ou melhor, numa ordem histórica e 'visível'.

Foucault questiona o sujeito iluminista do discurso científico em sua obra. O sujeito do discurso científico constitui-se num percurso de sentido que, a partir das contribuições de Foucault, não é neutro, pois o sentido de um discurso científico, por exemplo, é gerado num contexto das referentes pesquisas.

São pertinentes, portanto, as ideias de Foucault para a análise semiótica e sociosemiótica, em que se trata do exame da terminologia e das figuras do discurso, através das quais se exprime a diversidade das posições sociais e dos interesses em jogo no discurso, bem como a questão do 'funcionamento global' e da 'eficácia social' dessa atividade discursiva enquanto tal. Somente o critério temático da semântica não seria suficiente para o estudo dos discursos sociais e do sujeito coletivo, como enunciador ou enunciatário de um discurso.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. Michel Foucault e a 'Ordem do Discurso'. In: CATANI, Afrânio Mendes e MARTINEZ, Paulo H. (orgs). **Sete Ensaios sobre o Collège de France**. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1999.

BERTRAND, Dénis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso**. Trad. PORTELA, Jean Cristtos. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

GREIMAS, A. J. **Del Sentido II. Ensaíos semióticos**. Madrid: Gredos, 2001.

JAY, M. En el império de la mirada: Foucault y la denigración de la visión en el pensamiento francés del siglo XX. In: HOY, D. Couzens. **Foucault**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1988.

LANDOWSKY, Eric. **A Sociedade Refletida**. São Paulo: EDUC editora da PUC, 1992.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

PAIS, C.T. Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcódificações transculturais. In. **Acta Semiótica et Linguística**. Vol. 11. Ano 30. São Paulo: 3ª Margem, 2007, p. 149-157.

PRADOS, Rosália Maria Netto. Discursos e Pesquisa Interdisciplinar: Sociosemiótica e contribuições de Foucault. In: BASSIT, Ana Zahira. **O Interdisciplinar**. São Paulo: Editora Factash, Edições Hagrado, 2010.

RABINOW, P; DREYFUS, H. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro, Forense, 1995.

#### ***Rosália Maria Netto PRADOS***

Doutora em Semiótica e Linguística Geral, pela Universidade de São Paulo; pós-doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo; especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e graduada em Letras e em Pedagogia, pela Universidade de Mogi das Cruzes. Atua na área de Educação, Comunicação, Letras e Linguística, com ênfase em Análise do Discurso e Semiótica.

#### ***Luci Mendes de Mello BONINI***

Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas (NCSA). Pesquisas atuais sobre multiculturalismo, políticas públicas, políticas culturais e a dignidade da pessoa humana. Líder do GRUPPU - Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes. Pesquisadora do Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes.